

Indústria

*Adalberto A. Maia Neto**

A indústria brasileira em 1988, refletindo o quadro geral de dificuldades que já se esboçava em 1987, quando experimentou um crescimento levemente positivo (0,2%), voltou a ter um desempenho negativo de 2,2% (Tabela 1), repetindo os anos de crise de 1981 (-9,2%), 1982 (-0,1%) e 1983 (-6,6%). O desaquecimento da demanda interna que não conseguiu ser compensado pelo crescimento das exportações de industrializados foi o principal responsável por esse fraco desempenho em 1988. Como já foi mencionado anteriormente, a produção industrial deve sofrer uma redução ainda maior, levando-se em conta a tendência dos últimos meses.

Dentro de uma perspectiva mais ampla, o desempenho de 1988 está atrelado ao problema da redução dos investimentos: a média da relação investimento/PIB passa de 22% no período 1971-80 para 18% no período 1981-87. A retomada de um crescimento estável passa pela recuperação dos investimentos em geral e do investimento público em particular, já que o mesmo foi mais afetado devido à crise das finanças públicas. De qualquer forma, a recuperação dos investimentos passa por um equacionamento da dívida externa diferente do atual, algo que não está na agenda deste Governo. Como consequência dessa queda nos investimentos, a produção industrial, já em 1987, situava-se apenas 8,2% acima da de 1980 (indústria de transformação).

A indústria no Rio Grande do Sul tem tido, em geral, um comportamento similar ao brasileiro (Gráfico 2). Em 1988, a indústria teve um desempenho pior do que em 1987, com uma taxa de crescimento estimada de -2,5% (Tabela 2),⁸ desempenho este apenas superior ao de 1981 (-10,4%), revelando um processo de estagnação econômica. Ao longo da década de 80, a indústria regional, assim como a brasileira, perdeu seu dinamismo, sendo a principal responsável pelas baixas taxas de crescimento do PIB no período. A indústria de transformação, que qualitativa e quantitativamente⁹ é o principal segmento do setor industrial, tem seu nível de produto, já em 1987, apenas 11,7% maior do que em 1980. Consta-se, mesmo assim, um melhor desempenho desse ramo industrial no Rio Grande do Sul, ao longo da década de 80.

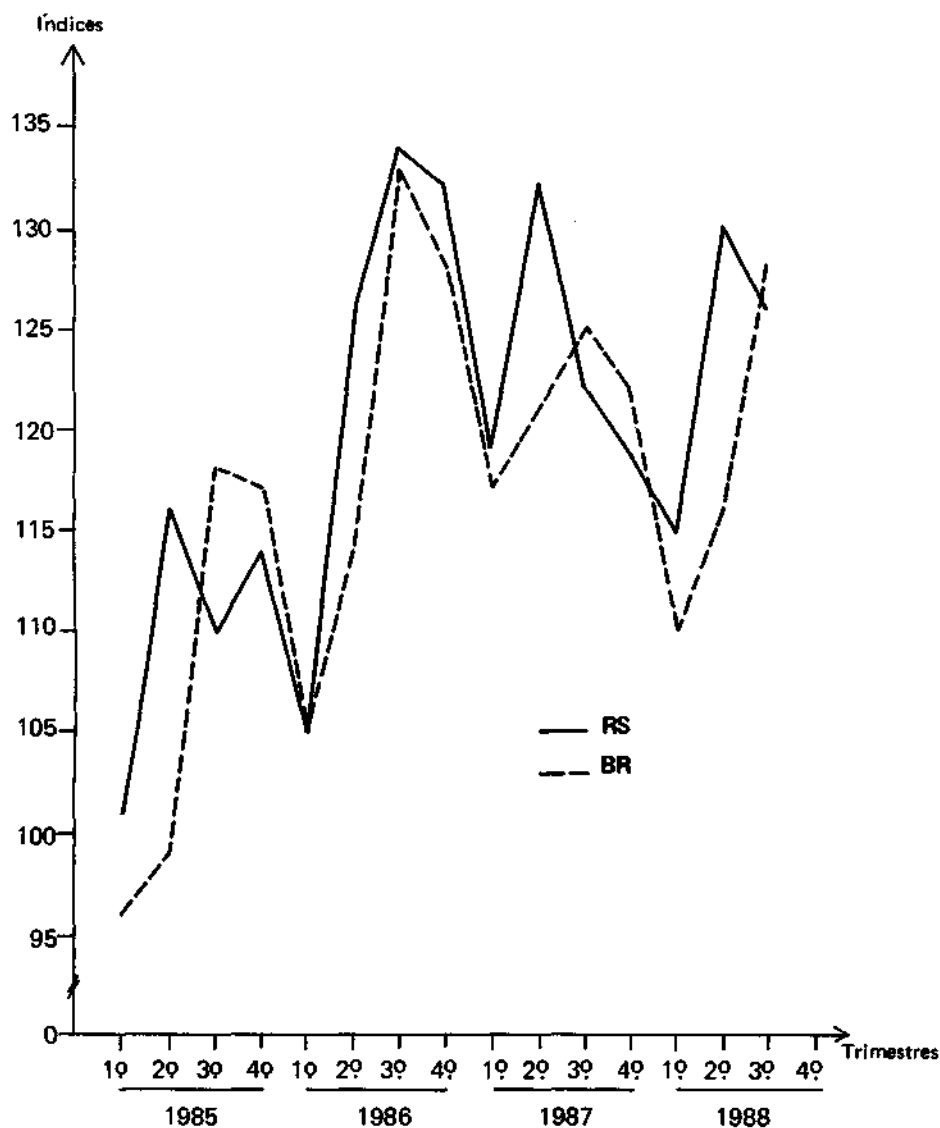
* Economista da FEE.

⁸ Essa taxa refere-se ao agregado da indústria sem incluir o subsetor SIUP. Portanto, a comparação com 1987 deve ser feita sem incluir esse subsetor. Quanto ao ano de 1987, a alteração na taxa deve-se basicamente à introdução do subsetor SIUP nas reestimativas realizadas em 1988.

⁹ Representa mais de 85% do produto industrial.

GRÁFICO 2

MÉDIAS TRIMESTRAIS DOS ÍNDICES DE PRODUÇÃO FÍSICA DA INDÚSTRIA
DE TRANSFORMAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL E DO BRASIL – 1985-88



FONTE: IBGE.

NOTA: Os dados têm como base 1981 = 100.

Ainda no que tange ao ano de 1988, deve-se registrar o bom desempenho de alguns gêneros da indústria de transformação: fumo, produtos alimentares¹⁰, material de transporte, borracha e bebidas. Os quatro primeiros ligados direta e/ou indiretamente¹¹ às exportações, e o último dependente do mercado interno.

Comparando-se os resultados do Rio Grande do Sul com os do Brasil (Tabelas 1 e 2), verifica-se que para todos os subsetores a indústria regional teve um desempenho superior. A comparação deve ser feita, portanto, excluindo-se o SIUP, para o qual não há ainda informações disponíveis. Ademais, como já referido anteriormente, muito provavelmente a taxa da indústria de transformação nacional será ainda menor que os atuais 3,05%.